



A valorização do ser humano e de sua criatividade mediante atividade artesanal com embalagens plásticas: o caso das catadoras de União da Vitória/PR

**Fernanda Perdun Sander¹
Denise Abatti Kasper Silva²
Nelma Baldin³**

Resumo

Este artigo objetiva analisar os efeitos decorrentes da implantação de atividade artesanal com garrafas PET sobre a percepção de um grupo de catadoras integrantes da Associação dos Catadores do município de União da Vitória – PR, em relação a fatores como valorização do ser humano e seu potencial, sua criatividade e força interior, inclusão social, auto-estima e registrar a conduta da comunidade perante a profissão de catador. A base para este procedimento metodológico foram os princípios da pesquisa qualitativa e quantitativa na modalidade descritiva. A coleta de dados realizou-se por meio de entrevistas semi-estruturadas e para isso a pesquisadora manteve contato direto com as catadoras durante seis meses. Constatou-se, a partir da análise das entrevistas e do convívio com essas catadoras, que a atividade em local limpo, sem exposição a intempéries e em grupo,

Recebimento: 27/6/2011 • Aceite: 2/9/2011

¹ Mestranda em Saúde e Meio Ambiente – Universidade da Região de Joinville UNIVILLE. End: Rua Paulo Malschitzki, 10. Campus Universitário - Zona Industrial. Caixa Postal 246 - CEP 89219-710 - Joinville/SC, Brasil. E-mail: fernandaperdun@yahoo.com.br

² Doutora em Física-Química pela Universidade Estadual Paulista, Professora da Universidade da Região de Joinville UNIVILLE. E-mail: denise.abatti@univille.br

³ Doutora em Educação, Professora do Curso de Mestrado em Saúde e Meio Ambiente da Universidade da Região de Joinville UNIVILLE. E-mail: nelma.baldin@univille.br

permitiu o exercício criativo, momentos de descontração e relaxamento e a percepção de problemas familiares comuns. Essa tomada de consciência e a possibilidade de expor seus produtos a terceiros e receber elogios desses observadores incentivou a auto-estima e deu confiança às catadoras. Observou-se a modificação na forma de percepção sobre a vida mediante ações frente às questões pessoais, profissionais, familiares e também financeiras, pois foi possível ampliar-lhes a renda, mesmo que de forma modesta.

Palavras-chave: Catadoras; trabalho artesanal; inclusão social

The recovery of the human being and its creativity by handmade activity with plastic packaging: the case of the União da Vitória/PR pickers

Abstract

This article aims to analyze the effects of deploying craftsmanship with PET bottles on the perception of a group of grooming members of the Association of Collectors of the municipality of Union of Victoria - PR in relation to factors such as valuing human life and its potential their creativity and inner strength, social inclusion, self-esteem and record the behavior of the community before the occupation of collector. The basis for this procedure were the methodological principles of qualitative and quantitative research in descriptive mode. Data collection took place through semi-structured interviews and for that the researcher maintained contact with the grooming for six months. It was found from the analysis of the interviews and live with these grooming, the activity in a clean place without exposure to weather and group exercise allowed the creative moments of fun and relaxation and a sense of common family problems. This awareness and the ability to expose their products to others and praise these observers encouraged the self-esteem and gave confidence to grooming. We observed the change in the way of insight about life through health issues facing the personal, professional, family and also financial, as it was possible to extend them the income, albeit modestly.

Keywords: Grooming; craftsmanship; social inclusion

Introdução

No Brasil, as embalagens plásticas estão entre aquelas com maior índice de reciclagem. De acordo com o Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE, 2009), em 2007 foram produzidas 432 mil toneladas de embalagens PET (Politereftalato de etileno) sendo que, deste total, 53% foram recicladas, representando um crescimento de 18,6% em relação aos anos anteriores.

Neste processo de reciclagem estão inclusos diversos fatores, dentre eles, a cultura dos indivíduos. Presente na atitude do descarte, esta cultura compõe-se de variáveis que o afetam e que são dispostas por outras pessoas. O ambiente social em parte é o resultado daqueles procedimentos do grupo que geram o comportamento ético e a extensão destes aos usos e costumes (SKINNER, 2007). Neste contexto, a cultura influencia na formação da conscientização, sob a perspectiva de que futuramente seus descendentes utilizarão o ambiente que hoje habitamos e que poderá estar melhor ou mais prejudicado, dependendo das ações quanto às questões de conservação e cuidados ambientais

Para tanto, entende-se que aplicar técnicas artesanais para transformar resíduos em novos produtos é uma estratégia que valoriza o resíduo, o saber do artesão e desenvolve sua criatividade.

Quando empregada esta técnica aos catadores além de possibilitar-lhes melhorias de renda facultá-lhes, também, a inclusão social caracterizada mediante o trabalho desenvolvido. “O artesanato faz com que passem a acreditar em sua capacidade de trabalhar e criar. É também uma forma de capacitação em ofícios alternativos, que ajudam a complementar a renda familiar” (FAJARDO; CALAGE; JOPPERT, 2002, p. 20). Explica Velloso (2005), que o desenvolvimento do potencial de criação do sujeito está relacionado a um ambiente propício, ou seja, um ambiente onde ele possa ter espaço para desenvolver a sua singularidade e reintegrá-lo à realidade externa por meio de atividades culturais, sociais e políticas.

Assim, nesse encaminhamento, a criatividade constitui papel fundamental. O que condiz com o exposto por May (1982), que ressalta os processos que abordam “o fazer” e “dar a vida” na criação, já que a criatividade só existe no ato: “Quando uma pessoa vive experiências de aprender a aprender, ela também está aprendendo a ser mais criativa, aprendendo novos conhecimentos e a criar” (FERNANDES, 1998, p. 47).

O emprego da reciclagem nesta prospecção também é elemento essencial quanto à diminuição dos impactos ambientais. A utilização do

PET como matéria-prima oportuniza a valorização dos recursos gerando alternativas à sociedade, como sendo os novos ofícios.

Nesta abordagem, incluem-se a oportunidade das catadoras cadastradas na Associação dos Catadores do Município de União da Vitória-PR para demonstrarem seu potencial transformando a “exclusão social” em “inclusão social” caracterizada, esta, por meio dos trabalhos desenvolvidos e atitude grupal. Neste sentido, há que se destacar a definição de Velloso (2005), que expressa a imagem negativa da sociedade em relação aos catadores, pois são vistos como marginais, o que dificulta o processo.

Deste modo, o objetivo principal da pesquisa aqui em destaque foi o de analisar os efeitos decorrentes da implantação de atividade artesanal às catadoras.

Por meio do artesanato, as catadoras demonstram à sociedade as práticas efetivadas, criando produtos artesanais com qualidade e proporcionando, à comunidade, a percepção dos esforços desempenhados para melhoria de vida.

A (co)relação entre o catador e trabalho

O trabalho é uma necessidade natural do homem, e o intercâmbio homem-natureza para manter a vida humana e assegurar o verdadeiro sentido da atividade é uma função de diferenciação entre o homem e outros seres vivos decorrente, portanto, da sua condição de ser social (ANTUNES, 1995).

Contudo, algumas classes vivenciam a instabilidade do emprego e restrições aos direitos sociais: “Esta precarização pode ser identificada pelo aumento dos números de trabalhos por tempo determinado, sem renda fixa, em tempo parcial, enfim, pelo que se costuma chamar de bico” (MATTOSO, 1999, p. 8).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2009) em 2003 o percentual da população desempregada era de 12,3%, já em 2007 o índice foi de 9,3%. Pode-se perceber, com isso, o aumento de oportunidades. Porém, mesmo assim, alguns trabalhadores vivenciam dificuldades no mercado de trabalho, fator relacionado intrinsecamente à baixa escolaridade. A baixa escolaridade torna o Brasil com desigualdades muito marcantes e sedimentadas correndo risco, futuramente, de possuir regiões excluídas (SICSÚ; BOLAÑO, 2007).

Como formas alternativas de ofício e geração de renda surgem diversificadas profissões destacando-se, neste contexto, a de catador. Estima-se que existam 800 mil catadores(as) no país, sendo

responsáveis por 90% da reciclagem, o que demonstra a importância desta atividade (AGÊNCIA BRASIL, 2009).

Esta percepção também é exposta por Kirchner, Saidelles e Stumm (2009), que argumentam que os catadores buscam uma forma de inserção no mundo social e do trabalho realizando atividades relevantes à sociedade e ao meio ambiente.

Conforme o Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE, 2009), no ano de 2006 o Brasil reciclou aproximadamente 94% das latas (alumínio) superando países industrializados como o Japão e os EUA. Já o plástico correspondeu a 20% proporcionando, ao Brasil, o 4º lugar na reciclagem mecânica.

No entanto, mesmo assim, percebe-se a exclusão social inserida na profissão do catador. Exclusão, esta, desenvolvida por integrantes da sociedade, em vista da ausência de percepção quanto aos benefícios ambientais e sociais oportunizados. E esta exclusão é perversa, chegando à criminalidade. Por sobreviverem daquilo que é descartado, estes seres são desconhecidos como cidadãos e identificados como "descartáveis" (VELOSO, 2008).

Sobre a exclusão e inclusão dos catadores, Medeiros e Macêdo (2007, p. 82) assim definem:

Contudo, a inclusão desses catadores ocorre de forma perversa. Dessa forma, pode-se inferir que o catador de materiais recicláveis é incluído ao ter um trabalho, mas excluído pelo tipo de trabalho que realiza: trabalho precário, realizado em condições inadequadas, com alto grau de periculosidade e insalubridade; sem reconhecimento social, com riscos, muitas vezes, irreversíveis à saúde e com a ausência total de garantias trabalhistas.

Além disso, a imagem negativa que a sociedade tem em relação aos catadores interage com a auto-imagem que o catador formou de si próprio. Pela sociedade, são vistos como marginais, dificultando a inclusão social (VELLOSO, 2005).

Embora com a criação do Comitê de Inclusão Social de Catadores pelo Governo Federal, observa-se que as atividades desempenhadas ainda continuam em condições precárias, sofrendo preconceitos, com baixa aceitação do papel que representam na economia, embora tenham reconhecimento da profissão e sejam

resguardados por um Comitê específico. Cabe a esse Comitê implantar projetos que visem garantir condições dignas de vida e trabalho aos catadores, bem como apoiar a gestão e a destinação adequada dos resíduos sólidos nos municípios brasileiros (MEDEIROS; MACÊDO, 2007). Almejando a organização desses grupos, surgem as cooperativas ou associações que objetivam melhorias quanto às negociações e condições de trabalho. Desta forma, permitiu-se estabelecer controle da gestão das atividades e, principalmente, da organização da qual fazem parte pela escolha dos dirigentes e definição das políticas e estratégias de ação (HOCAYEN-DA-SILVA *et al*, 2009).

Conforme abordado por Magera (2003, *apud* Medeiros e Macêdo, 2007), a primeira cooperativa de reciclagem surgiu em 1985 denominada como Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis – COOPAMARE, na cidade de Belo Horizonte.

Com a integração dos catadores nesse contexto, proporcionam-se benefícios antes inalcançados, particularmente, fortalecendo a participação deles nas Cooperativas e Associações devido condições salubres de trabalho. Segundo a Organização das Cooperativas Brasileiras – OCB (2010), em dezembro de 2005 existiam no Brasil 7.518 cooperativas, possuindo 6.791.054 associados, o que demonstra a viabilidade do segmento e a importância da união dos grupos e classes.

As cooperativas recuperam ao trabalhador uma dimensão humana do trabalho, uma profissão mais digna, segura e autônoma permitindo estabelecer controle da gestão de suas atividades e, principalmente, da organização da qual fazem parte, onde praticam a escolha dos dirigentes e a definição das políticas e estratégias de ação (HOCAYEN-DA-SILVA *et al*, 2009).

É, pois, uma atividade que possibilita o gerenciamento de suas ações, unindo-se em defesa dos interesses grupais e na busca de soluções para resolução dos problemas em comum.

A criatividade como alternativa de trabalho e renda

A criatividade é amplamente associada ao papel poderoso da comunicação, indissolivelmente ligada, desde a Antiguidade, à reflexão sobre a invenção (SALES, 2008).

Nesse campo, e com respeito à sua influência na criatividade, há quatro aspectos que contribuem para sua produção: treinamento; recursos; reconhecimento e recompensa. Uma sociedade que efetivamente promove oportunidades de desenvolvimento de habilidades estará contribuindo para o desenvolvimento de talentos

criativos. Os recursos nesta questão são indispensáveis para que a criatividade floresça. É importante ainda que o potencial e interesse sejam reconhecidos por um membro mais experiente do campo. Neste sentido, o papel do mentor é o de encorajar a continuar trabalhando em uma área do conhecimento ou domínio. O participante deve possuir ainda motivação para empregar suas habilidades em uma carreira produtiva. Finalmente, recompensas intrínsecas e extrínsecas podem contribuir para o desenvolvimento da criatividade (FLEITH; ALENCAR, 2005).

O processo de criação do sujeito está vinculado ao seu desenvolvimento emocional, à sua sensibilidade e à cultura. Quando abordamos o ser criativo, devemos pensar na interação da cultura e no desenvolvimento do seu potencial de criatividade (VELLOSO, 2005).

A imaginação permite ao homem transformar a realidade via combinação inusitada de seus elementos, confirmando o fato da criação estar intimamente relacionada às experiências do sujeito. Ganha destaque nesse processo a possibilidade de ver o diverso, o diferente, o conhecido (ZANELLA; BALBINOT; PEREIRA, 2000).

A contribuição da dimensão domínio para a estimulação da criatividade se manifesta na medida em que o conhecimento é organizado (FLEITH; ALENCAR, 2005).

Viver criativamente constitui um estado saudável e o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Os momentos internos do sujeito, quando sentidos pela maioria dos homens, podem transformar-se em realidade. A criação de outra realidade poderá vir à luz, através da manifestação dos sentimentos e das emoções destes sujeitos. A realidade interna interage com a realidade externa, contribuindo para o processo de emancipação de pequenos grupos, comunidades ou sociedades. Assim, por meio deste processo, o catador percebe que poderá ser um reciclador, ou seja, poderá ascender outra condição social, proporcionando sobrevivência a partir da transformação do resíduo em matéria-prima, gerando novo produto (VELLOSO, 2005).

Quando a criatividade passa a interferir no desenvolvimento do trabalho artesanal torna-se subsídio e ferramenta para a criação de produtos. E com a elaboração desses produtos diferenciados possibilitam a valorização dos materiais e ampliam o rendimento financeiro e a satisfação pessoal.

Esta percepção vai ao encontro do abordado por Fernandes (1998), pois a criatividade deve ser utilizada e explorada a favor do ofício, com isto, o sujeito ocasiona o crescimento pessoal e profissional desenvolvendo-se.

A Importância do Trabalho Artesanal para as Mulheres (Catadoras) e sua Participação no Sustento Familiar

Ao mesmo instante em que a sociedade sofreu interferências no processo de desenvolvimento, proporcionando progresso, trouxe, consigo, aptidões humanas aprimoradas que serviram de base para o fortalecimento da sociedade. Essas aptidões, compostas por ações de homens e mulheres proporcionaram melhorias ao dia-a-dia da população.

Entretanto, quando analisado o processo de desenvolvimento profissional feminino, constatam-se por meio da história, registros de discriminação que bloqueiam e dificultam a carreira de muitas trabalhadoras, como se depreende da leitura de Gomes; Tanaka (2003, p. 76):

Ainda há muito da sociedade patriarcal que valorizava a mulher em razão de sua capacidade reprodutiva e não da produtiva, que priorizava a ocupação do espaço privado, em detrimento do público. Assim sendo, as mulheres têm vivido em desvantagem social frente aos homens.

No entanto, esta condição modificou-se com o fato de as mulheres terem assumido, em sua grande maioria, a principal fonte de sustento econômico familiar. O modelo da família tradicional de classe média brasileira que consagrava uma divisão clara de papéis em que geralmente o homem se envolvia com o trabalho remunerado enquanto a mulher dedicava-se aos afazeres da vida familiar, incluindo a administração da casa e os cuidados com os filhos, passa a não ser mais tão comum em nossa realidade como o foi no século XIX e inícios do século XX (FLECK; WAGNER, 2003).

Segundo o IBGE (2009), no Brasil, em 2000, a contribuição média do ganho da mulher chefe no rendimento familiar cresceu 56% evidenciando o progresso profissional e seu papel estratégico na manutenção da família.

Entretanto, de modo geral o trabalho feminino é interpretado como colaboração. Socialmente, espera-se que o homem seja provedor do sustento da família, atribuindo, à mulher, o papel de mãe e dona-de-casa. Mesmo quando a mulher é provedora do sustento familiar, considera-se a atividade laboral como subsidio e complementação (ALBUQUERQUE; MENEZES, 2007).

Para tanto, há inúmeras atividades voluntárias e iniciativas sociais que se dedicam a recolher embalagens PET e procuram apoio para seus projetos e clientes para seus produtos. São pequenas cooperativas de catadores, associações de classe e entidades filantrópicas (GIOVANNINI; KRUGLIANSKAS, 2008). E, por meio, das cooperativas, as mulheres (catadoras) usufruem de novas alternativas profissionais.

Nesta questão, Abreu (1990) define que os trabalhos voltados para o aumento da competência nas comunidades devem empregar princípios de aprendizagem para levar a população a alterar seu comportamento ou a adquirir novos, no sentido de aprimoramento coletivo.

Método

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa (quali-quant) na modalidade descritiva. A coleta de dados foi realizada utilizando entrevistas semi-estruturadas de forma individual, com autorização expressa de cada participante, seguindo as orientações técnicas do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville (SC). Cada entrevista foi transcrita na íntegra com autorização das participantes, preservando-se o anonimato.

A pesquisa aconteceu no município de União da Vitória, localizado no extremo sul do Estado do Paraná e pertencente à Microrregião do Médio Iguaçu. Sua área é de 786 km², sendo 703 km² de área rural e 83 km² de área urbana. Toda a superfície do município pertence à Bacia do Iguaçu. Predomina o clima do tipo Subtropical Úmido e a paisagem fitogeográfica é representada por florestas subtropicais, com a presença de araucárias, faxinais e matas de várzeas.

O primeiro ciclo econômico da região deu-se por meio do Tropeirismo, seguido do cultivo da Erva-mate. Atualmente, são as indústrias madeireiras que predominam na região, movimentando grande parte da economia do município. O início do fluxo imigratório e colonizador aconteceu com a vinda de famílias alemãs iniciando-se, ali, o desenvolvimento do Município. Seguiu-se a vinda de poloneses, ucranianos, italianos e sírio-libaneses. Conforme IBGE (2009), em 2007 União da Vitória possuía 51.043 habitantes. Desta população, estão cadastradas junto à Prefeitura Municipal 45 famílias que sobrevivem da coleta de material reciclável, objeto deste estudo.

Optou-se por trabalhar com 20% das catadoras associadas, correspondendo, portanto, a oito voluntárias. Todas deveriam,

necessariamente, estar ligadas à Associação e desenvolverem o trabalho de coleta. Também precisaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme Resolução do Ministério da Saúde n. 196 de 10 de outubro de 1996.

Foram realizados encontros todas as segundas, quartas e sextas-feiras, no período vespertino, com duração de três horas, durante seis meses, voltando-se para a finalidade de ensinar e capacitar, as catadoras, para novos ofícios artesanais, principalmente com aplicação de garrafas PET, conhecidas por embalar refrigerantes. Nos encontros, realizaram-se entrevistas para coleta dos dados sócio-demográficos, escolares, sobre a profissão de catadora e expectativas para com o trabalho. Com o propósito de preservar a identidade das catadoras participantes da pesquisa, bem como para facilitar o entendimento de seus relatos na análise dos dados e informações, utilizou-se siglas, como: Catadora 1 (C1); Catadora 2 (C2) e assim, sucessivamente.

Os encontros seguiram procedimentos metodológicos pré-determinados. O aprendizado das técnicas do artesanato proposto foi desempenhado por instrutora voluntária durante três encontros, capacitando, assim, as catadoras, para a produção de bolsas de embalagem PET. Após este período, as catadoras que adquiriram maior aptidão em comparação às demais, as auxiliavam. Devido o processo de fabricação das peças artesanais ser novo a todas, seguiu-se uma estruturação de linha de produção e, em cada encontro, as catadoras alternavam as atividades. Com isto, todas adquiriram conhecimento de cada etapa do processo de produção das sacolas.

Ainda, ministraram-se palestras, durante os encontros, efetivadas pelas pesquisadoras, as quais abordavam temas, como: segurança no trabalho; higiene pessoal; qualidade de acabamentos da produção do artesanato; empreendedorismo e formas de viabilidade de comercialização e renda.

Resultados e discussão

Considerando os dados levantados verificou-se, quanto ao perfil do grupo, serem mulheres, adultas, na faixa etária entre 20 e 56 anos. A maioria (75%) cursou a 4ª. Série do Ensino Fundamental. O índice daquelas que nunca estudaram é de 12,5%, enquanto que as demais concluíram o Ensino Fundamental. A baixa escolaridade foi apontada, pelas catadoras, como empecilho para obtenção de emprego, conforme relatado:

“Eu gosto de onde moro, aqui todos nós (sic) ajudamos (sic) um ao outro quando precisamos (sic), somos parceiros (sic), né. Se falta comida o outro ajuda. Se nós (sic) muda a vizinhança vai ser estranha e não teremos isso. O lugar também é bom, fica perto da cidade, não precisamos (sic) andar (sic) muito que já chegamos (sic)” (C7).

Para estas mulheres catadoras, o trabalho é visto como meio de sobrevivência, independência e a única forma de conseguir as coisas com honestidade. A maioria começou a trabalhar ainda quando criança, colaborando na atividade da família, cuidando dos irmãos mais novos ou, ainda, desenvolvendo profissões como gari, ajudante de pedreiro, dentre outras. Com o passar do tempo, foram deixando um número sem fim de profissões e ingressaram na atividade da coleta dos recicláveis. O desemprego foi um dos motivos mais significantes. Entretanto, a necessidade de colaborar em casa com o sustento familiar mereceu destaque, conforme observação da participante.

“Há, você não sabe o que é ver um fio seu passar fome. Comecei a trabalhar (sic) porque não queria mais ver aquilo. Com a coleta (sic) consigo comprar (sic) comida e roupa (sic) que é o principal. Ganho pouco (sic), mas já dá pro (sic) gastar” (C8).

A grande maioria trabalha mais de 8 anos com a coleta. Em termos de rendimentos mensais, durante a implantação da pesquisa encontramos uma variação de R\$ 100,00/mês a R\$ 560,00/mês. Cabe destacar que essas catadoras usufruem da Bolsa Escola e/ou Vale Gás (Programas Governamentais) que contribuem na renda familiar. Houve, ainda, uma participante aposentada que estava desenvolvendo a atividade de coleta para contribuição no sustento familiar.

“Sou (sic) aposentada, mas tenho bastante neto em casa, são muita boca (sic) pra alimentar (sic). Com o reciclável me ocupo e ganho mais um dinheirinho pra comprar as minhas coisas (sic). Sabe como é... veio (sic) em casa só encomoda (sic)” (C7).

Todas as participantes consideram que sua vida melhorou nos últimos cinco anos, visto que a interpretação foi baseada na entrada dos filhos na escola, ingresso em empregos pelos integrantes da família, nenhum problema grave de saúde e acesso à atividade proposta pela pesquisa. Apesar das dificuldades enfrentadas durante o dia-a-dia, todas alegaram possuir sonhos, dentre eles uma residência melhor e equipada com eletrodomésticos, como: geladeira; forno elétrico ou a possibilidade de conseguir outro emprego, como se denota da fala de uma das catadoras:

“Nesta cidade é difícil de conseguir (sic) emprego, assim não tenho como melhorar (sic) de vida. O que mais queria era uma casa com fogão de gás, podia ser de quatro bocas (sic), sem problema... um guarda-roupa (sic) de seis portas para caber a roupa (sic) de tudo mundo... queria conseguir (sic) pintar (sic) a minha casa de azul, acho tão bonita esta cor...” (C3).

Outra questão identificada foi o reconhecimento do trabalho pela sociedade, já que alguns integrantes do município foram até o local onde eram desenvolvidos os encontros, para conhecer o trabalho, o que proporcionou melhor aceitação das catadoras pela sociedade, proporcionando-lhes inclusão social.

“Quando vi aquela gente chegando fiquei nervosa, não sabia o que fazer (sic) bateu vergonha. Depois fiquei contente, pois eles elogiaram o nosso trabalho (sic), disseram que fazemos (sic) bem feito o artesanato e até compraram...” (C5).

“Achei engraçado aquele pessoal chega todo chique pra conhecer (sic) nosso trabalho, fiquei sentindo gente importante” (C4).

A exclusão social da profissão de catador foi apontada, pelas catadoras, como um empecilho na vida do grupo, desfavorecendo oportunidades de melhorias.

“Quando ficam sabendo que trabalho com a catação as pessoas (sic) me olham torto, já nem me cumprimentam direito, acham que vão

pega (sic) alguma doença e que tô (sic) suja por trabalha com o lixo” (C8).

“Tem gente que quando vê a gente passando com o carrinho dão risada, deboçam da gente e chamam de vagabundo” (C4).

A pesquisa possibilitou, também, valorização e percepção das integrantes quanto à capacidade pessoal que possuem, exponenciando suas qualidades e características, o que as tornam pessoas especiais e capazes de realizar seus objetivos.

“Achei que não ia conseguir (sic) fazer o artesanato. Mas, agora consigo e adoro. Tô (sic) muito feliz...” (C1).

No início do trabalho houve relatos, das catadoras, que abordavam problemas familiares, resultantes da dependência alcoólica, drogas e violência sexual nos quais todas já haviam ou estavam passando. Fato este que ocasionava a perda de força de vontade para lutar e vencer dificuldades, visto que vivenciavam essas condições a médio e longo prazo. Durante a implantação dos trabalhos esses fatores foram sendo discutidos entre as participantes. Cada integrante apoiava a outra, criando forças para “encarar” as dificuldades, tentando resolvê-las: conversaram com os filhos e maridos; orientando-os e mostrando-lhes alternativas e caminhos sem ser a violência e, quando necessário, denunciavam-nos.

“As vezes me dá vontade de fugir com os meus filhos. Sabe o que é você não te (sic) segurança na própria casa? Quando vô (sic) prá lá tenho medo! Porque não sei o que vô encontra (sic). Aqui no encontro me sinto melhor e até esqueço dos problema e do um pouco de risada” (C5).

“Um do meus neto usa droga e às veze (sic) fico com medo, por isso não fico em casa tenho medo de apanha (sic)!” (C7).

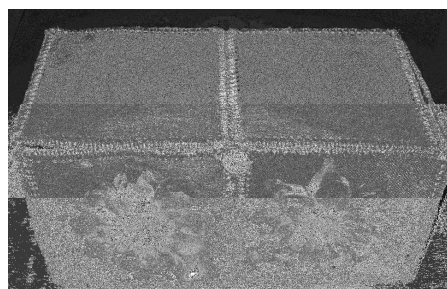
Em vista do comprometimento social e trabalho em equipe durante a elaboração das bolsas ou sacolas, e que essas foram reconhecidas e vendidas ao comércio local, as catadoras identificaram

esse processo como estímulo, o que lhes fortaleceu a auto-estima. Perceberam que o valor agregado ao produto era maior que o adquirido com a coleta e venda dos resíduos, sendo que esta exigia menor esforço físico comparando com a atividade de coleta diária que exercem e mais a oportunidade de conviverem e criarem amizades entre as participantes.

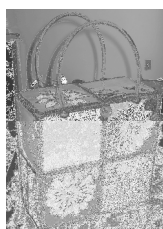
Com a aplicação da pesquisa foi possível proporcionar uma melhor condição de trabalho para que essas catadoras desenvolvessem suas atividades, estando em um local limpo, seguro, sem gerar problemas de saúde. E em especial devido a elaboração das Bolsas Artesanais com garrafa PET aflorou, nas mesmas, a criatividade pessoal por meio dos trabalhos manuais que foram desenvolvidos atendendo a necessidade de modelos diferenciados, conforme solicitação dos clientes (Figura 2);

Durante a execução dessas atividades, as catadoras encontraram dificuldades na aquisição de embalagens suficientes para a produção das bolsas artesanais. Para resolver essa situação de falta de matéria-prima, o grupo adaptou novo estilo/modelo às bolsas, conforme ilustrado na Figura 2, Modelo 4.

Figura 2: Modelos diferenciados elaborados pelas catadoras



Modelo 1: Porta objeto (48cm, 32cm, 32cm) Modelo 2: Porta objeto (32cm, 16cm, 16cm)



Modelo 3: Bolsa (32cm, 16cm, 32cm)

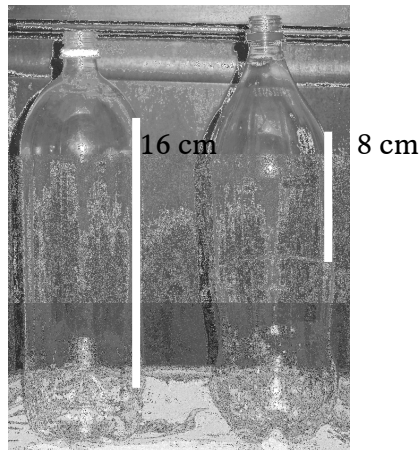


Modelo 4: Bolsa (32cm, 8cm, 32cm)

“Quando cheguei em casa, ví que poderíamos usar outro litro que não fosse reto. A única diferença é que a sacola ficaria menor do que antes. Mas depois que começemo (sic) a fabrica (sic), nossas clientes preferiram mais do que os otro (sic) modelos e fiquei contente por que as minha colegas aceitaram a ideia” (C1).

A parte da garrafa utilizada como matéria-prima para confecção das bolsas artesanais é a central (Figura 3), que conforme modelo, varia de 8 a 16 cm. No entanto, as embalagens de 8 cm. são encontradas em maior quantidade facilitando o processo de fabricação. Portanto, a adaptação do artesanato fez-se necessária para facilitar a aquisição de matéria-prima. Cabe lembrar que os resíduos plásticos não utilizados retornavam à Associação, para reciclagem.

Figura 3: Modelos das embalagens de PET utilizadas como matéria-prima na produção das bolsas artesanais



Este tipo de abordagem condiz com o exposto por Forlin e Faria (2002), que expressam que a reciclagem de embalagens plásticas pode ser entendida como sendo a implementação de processos e técnicas que aperfeiçoam a utilização de matérias-primas, gerando novos produtos, amparados esses, em conceitos econômicos, sociais e sanitários.

A aplicação das atividades pela pesquisa possibilitou, também, melhor condição de trabalho para que as catadoras se encaminhassem para ações profissionais e comerciais. Fato que pode ser ilustrado pelo relato de uma das participantes, em sua entrevista:

“Prefiro fazer as bolsas do que coletar o material reciclável nos lixos. As vezes encontro material sujo, misturados com comida, vidro quebrados e chego até me cortar, sem falar do sol que parece que torra a minha cabeça” (C1).

Por se tratar de um grupo que não havia trabalhado anteriormente com artesanato, identificou-se que as catadoras procuravam, nesse tipo de trabalho, além de uma fonte complementar de renda, também uma terapia ou relaxamento, como observado na fala da participante:

“Com o artesanato me sinto melhor chego a ficar até mais calma! E gosto de levar pra casa e fazer durante a novela sentada no sofa” (C2).

Percebeu-se, ainda, durante a análise das entrevistas, que muitas catadoras tinham dificuldades em encontrar oportunidades que permitissem a melhoria de vida, justamente em virtude da concorrência e inexistência de qualificação, como declarado:

“Aqui na nossa cidade é difícil de achar (sic) emprego, tem muita gente. E eles não vão escolher (sic) a gente pra trabalhar. Só olhando pra nós já nos descartam e dizem que é porque não temo (sic) estudo...” (C3).

Situação, essa, relatada pela catadora e que condiz com o exposto por Velloso (2005), pois a imagem negativa da sociedade sobre os catadores interage com a auto-imagem que o catador formou de si próprio, dificultando-lhes a inclusão social. Em geral, considerando as condições desfavoráveis e necessidades que vivenciam diariamente, as catadoras desmotivam-se.

“As vezes fico desanimada, pois nunca consigo melhora de vida. Quando as coisa

parecem estarem bem acontece algum problema pra piora (sic) de novo” (C1).

O maior benefício decorrente da implantação da pesquisa refletiu perante a modificação de atitudes, modo de pensar, entusiasmo, força de vontade e motivação alcançadas, conforme constatação das próprias integrantes.

“Hoje sei que consigo mudar a minha vida. E isso, só depende mesmo de mim. Com o trabalho aqui do grupo, pude perceber isso e criar forças para mudar o que vivo de errado” (C1).

Outra questão importante a considerar e que interfere nas relações das mulheres catadoras é o machismo existente por parte dos maridos, que visualizam a figura da mulher com capacidade somente para tarefas domiciliares, educação dos filhos e, no máximo, como mão-de-obra de contribuição na atividade dos catadores, no sentido de desenvolverem a atividade de coleta e zelarem pelo bem-estar do grupo ou da família. Situação esta, já enfatizada na abordagem de Fleck e Wagner (2003), e também pelas catadoras, como provam os relatos abaixo:

“O meu marido disse, que o artesanato é frescura, que em vez disso, devia estar trabalhando então de diarista em casa de madame e não apoia este trabalho. Mas eu não ligo, é que to adorando este trabalho” (C5).

“Agora quando não concordo com o meu marido digo na hora e não tenho medo de apanha (sic). Me reunindo com as minhas amigas, fazendo o artesanato, parece que perdi o medo de enfrentar ele em casa. E se as coisa (sic) não tão (sic) boa então ele que faça melhor” (C6).

A atividade proporcionou, às catadoras, novas amizades, criando, com isso, forças interiores para reenvindicar e argumentar as situações incorretas quanto à educação dos filhos e participação ativa na decisão dos investimentos familiares. Essa reação das catadoras

encontra respaldo nos escritos de Abreu (1990) que expõem que trabalhos voltados para o aumento da competência deverão empregar princípios de aprendizagem levando a população a alterar seu comportamento ou, a adquirir novos, no sentido de aprimoramento coletivo.

As palestras desenvolvidas pelas pesquisadoras possibilitaram, às catadoras, identificar suas necessidades para melhoria e para a aquisição de conhecimentos, habilidades e importância das tarefas, conforme recomendações de Lacerda e Abbad (2003).

“Com os encontro (sic), agora sei como é importante, te (sic) controle do que gasto. Assim posso fazer com que o dinheiro renda mais...” (C7).

“As palestras mostraram que tenho que cuidar quando vô catá (sic) os material para não me cortar e que com o artesanato tenho mais segurança no trabalho” (C8).

Com esses procedimentos metodológicos, dúvidas foram esclarecidas e as integrantes foram sensibilizadas sobre os objetivos do estudo. Devido à população local visitar o grupo para conhecer seu trabalho, as catadoras frequentavam os encontros com aparência agradável, roupas limpas, pois sabiam, conforme relato de uma das integrantes: “Que a primeira impressão é a que fica” (C6).

Por meio do contato direto das catadoras em geral com aquelas participantes da pesquisa, pôde-se identificar a percepção das mulheres catadoras quanto ao trabalho artesanal desenvolvido:

“Há, o artesanato é muito bom. Assim, posso mostrar às pessoas da cidade que tenho condição de mudar o que enfrento. E nem, acredito que consigo fazer estas sacolas sozinha (sic). Há minha mãe nem acredito quando mostrei pra ela” (C7).

Portanto, trata-se de um grupo de mulheres (catadoras) que procuravam, por meio desta atividade artesanal, qualidade de vida. Considerou-se, aqui, qualidade como condições adequadas de trabalho, e vida com respeito às necessidades de sobrevivência e também de realização pessoal num ambiente democrático, conforme expressa Piccinini (2004).

No que se refere às ausências das participantes nos encontros, essas foram mínimas, comprovando, assim, o comprometimento com o trabalho e com o desenvolvimento da pesquisa.

Percebeu-se, também, que as catadoras motivaram-se intensamente devido a lucratividade conquistada com as vendas do artesanato. Durante os seis meses de atuação do estudo teve-se a média de R\$ 65,00 a cada participante (lucro), não estando este valor relacionado aos rendimentos individuais citados anteriormente, uma vez que as sacolas foram comercializadas a R\$ 21,00, cada uma.

Após a conclusão do estudo, algumas catadoras continuaram desenvolvendo o artesanato nas suas residências, por conta própria e, assim, comercializando o produto à comunidade.

“Há, nem pensá (sic) que vou deixa de fazer as bolsas. Agora que comecei vou continua (sic) na minha casa. Pois já tenho prática e assim ganho um dinheirinho a mais que ajuda nas compra pros (sic) meus filhos e alguma coisa pra mim” (C5).

Após três meses da conclusão do estudo, as pesquisadoras voltaram à área de atuação para averiguação do andamento do artesanato entre as catadoras que continuaram o trabalho nas residências. Percebeu-se que duas das participantes continuavam produziam o artesanato e comercializando-o no município.

“Tô bem feliz, o artesanato tá ajudando a compra as coisa que preciso pra casa. E agora tenho a minha freguesia. Agora que tá perto do Natal tô conseguindo vender mais e tenho que aproveita, até o marido tá ajudando! Fiz até estoque” (C5).

“Continuo com o artesanato de manhã porque assim ganho mais que vender só os litro que cato (sic). E de tarde quando as criança (sic) voltam da escola me ajudam enquanto em faço a catação eles ficam em casa mechendo com o artesanato” (C1).

Os resultados da pesquisa foram então encaminhados à Ação Social do Município, juntamente com uma proposta para implantação desta atividade às catadoras em geral, de toda a Associação, a qual

continua em plena atividade e a proposta, permanece sob análise de viabilidade na Prefeitura.

Considerações finais

O presente estudo apontou para a existência de problemas comuns entre as catadoras, tais como necessidade de oportunidades devido a alguns fatores, dentre eles, o mais relevante, a baixa escolaridade.

Devido condições desfavoráveis e necessidades que vivenciam no dia-a-dia, as catadoras acabam se desmotivando e, com isto, perdem a força de vontade para mudar as situações negativas existentes. Outro fator impeditivo é o machismo de parte de alguns integrantes das famílias das catadoras, principalmente os maridos, que visualizam a figura mulher apenas com capacidade de somente resolver tarefas domiciliares, educação dos filhos e contribuição na atividade, desenvolvendo a coleta e zelando pelo bem-estar dos outros catadores.

Com a implantação da pesquisa, mudaram-se as perspectivas. As catadoras fizeram novas amizades e, em vista dessas amizades então iniciadas, criaram forças para reivindicar e argumentar o que consideravam incorreto, mostrando seus novos posicionamentos frente à educação dos filhos e na participação das decisões dos investimentos familiares. Neste sentido, entende-se que o trabalho fora do ambiente peculiar da família pode trazer, para a mulher, autonomia, modificando suas relações e gerando autoconfiança. Fato constatado devido às mudanças de atitudes desenvolvidas pelas catadoras, tais como comprometimento com o trabalho, segurança pessoal e motivação iniciada.

Sem dúvida, com a produção do artesanato, proporcionou-se melhor qualidade de vida às catadoras, devido, em especial, à possibilidade de progresso com base nas atitudes e atividades desenvolvidas. As palestras ministradas pelas pesquisadoras possibilitaram esse crescimento pessoal às catadoras uma vez que demonstraram, às mesmas, as reais necessidades de melhorias.

Neste caso, durante a execução da pesquisa tivemos presente a importância dos trabalhos desenvolvidos pela Ação Social do Município que auxiliou para que as ações acontecessem. O crescimento pessoal e profissional das catadoras, frente ao artesanato foi percebido mediante modificação de suas atitudes, de suas formas de pensar e entusiasmos demonstrados. Essas ações possibilitaram, às catadoras, uma nova concepção de vida, sinalizando para a viabilidade de inclusão social, de

trabalhar em local salubre e amigável. E, mais que isto, de melhorar a vida.

Referências

ABREU, J. L. C. de. Controle dos resíduos sólidos com envolvimento de população de baixa renda. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, v. 24, n. 5, p. 398-406, Out. 1990.

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas, SP: Cortez, 1995.

AGÊNCIA BRASIL. Modelo brasileiro de formação de cooperativas de catadores. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/01/20/materia.2009-01-20.7641745809/view>>. Acesso em: 18 out. 2009.

ALBUQUERQUE, E. de F.; MENEZES, M. O valor material e simbólico da renda renascença. *Revista Estudos Feministas*, Santa Catarina, v.15, n. 2, p. 461-467, Ago. 2007.

CEMPRE – Compromisso Empresarial para Reciclagem. O mercado para reciclagem. Disponível em: <http://cempre.tecnologia.ws/fichas_tecnicas.php?lnk=ft_pet.php>. Acesso em: 18 out. 2009.

FAJARDO, E; CALAGE, E; JOPERT, G. Fios e Fibras. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2002.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Revista Psicologia em Estudo*, São Paulo, v. 8, p. 31-38, 2003.

FLEITH, D. de S.; ALENCAR, E. M. L. S. de. Escala sobre o clima para criatividade em sala de aula. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 1, p. 85-91, Jan-Abr. 2005.

FERNANDES, M. C. Criatividade: Um guia prático preparando-se para as profissões do futuro. São Paulo: Futura, 1998.

FORLIN, F. J.; FARIA, J. A. F. Considerações Sobre a Reciclagem de Embalagens Plásticas. *Polímeros*, v. 12, n.1, p. 1-10. 2002.

GIOVANNINI, F.; KRUGLIANSKAS, I. Fatores críticos de sucesso para a criação de um processo inovador sustentável de reciclagem: um estudo de caso. *Revista de Administração Contemporânea*, Paraná, v. 12, n. 4, p. 931-951, Dez. 2008.

GOMES, K. R. O.; TANAKA, A. C. d'A. Morbidade referida e uso dos serviços de saúde por mulheres trabalhadoras, município de São Paulo. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 75-82, Fev. 2003.

GOOGLE/MAPS. Mapas. Disponível em: <<http://maps.google.com.br/>>. Acesso em: 23 jun. 2009.

HOCAYEN-DA-SILVA, A. J; BRAGA, M. J; DORNELAS, H. L; FARIA, A. F. A problemática que envolve o cooperativismo de trabalho em Minas Gerais: um estudo exploratório. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 5, n.1, p. 3-25, Jan-Abr. 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores Sociais – 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=987&id_pagina=1>. Acesso em: 01 jul. 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores de Condição de Ocupação. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/trabalho_tabela02.htm. Acesso em: 13 dez. 2009.

KIRCHNER, R. M; SAIDELLES, A. P. F; STUMM, E. M. F. Percepções e perfil dos catadores de materiais recicláveis de uma cidade do RS. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 5, n. 3, p. 221-232, Set-Dez. 2009.

LACERDA, E. R. M; ABBAD. G. Impacto do treinamento no trabalho: investigando variáveis motivacionais e organizacionais como suas preditoras. *Revista Administração Contemporânea*, v. 7, n. 4, p. 77-96, Dez. 2003.

MATTOSO, J. O Brasil desempregado: Como foram destruídos mais de três milhões de empregados nos anos 90. ABRAMO: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

MAY, R. A coragem de criar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MEDEIROS, L. F. de R., MACÊDO, K. B. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 3, n. 2, p. 72-94, Mai-Ago. 2007.

OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras. Movimento livre da influência do Estado. Disponível em:

<http://www.ocb.org.br/SITE/cooperativismo/evolucao_no_brasil.asp>
. Acesso em: 14 mar. 2010.

PICCININI, V. C. Cooperativas de trabalho de Porto Alegre e flexibilização do trabalho. *Revista Sociologias*, n. 12, p. 68-105, 2004.

SALES, A. Criatividade, comunicação e produção do saber. *Sociologias*, v. 19, p. 22-39, Jan-Jun. 2008.

SICSÚ, A. B; BOLAÑO, C. R. S. Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Regional. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 3, n. 1, p. 23-50, Jan-Abr. 2007.

SKINNER, B. F. *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VELLOSO, M. P. Os catadores de lixo e o processo de emancipação social. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 10, p. 49-61, Dez. 2005.

VELLOSO, M. P. Os restos na história: percepções sobre resíduos. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, v. 13, n. 6, p. 1953-1964, Dez. 2008.

ZANELLA, A. V., BALBINOT, G. e PEREIRA, R. S. Re-criar a (na) renda de bilro: analisando a nova trama tecida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, n. 3, p. 539-547, 2000.